

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### Pomeri: Máquina de Guerra

Priscila de Oliveira Xavier\*

**Resumo:** Este artigo conta a história de uma batalha travada nos dias atuais. É uma escrita que aponta para as táticas do mais fracos e as estratégias dos mais fortes. Esta batalha ocorre no Centro Sócio-Educativo Pomeri, instituição de fechamento, onde estão depositados - bem a distância dos olhares dos homens bons -, adolescentes do sexo masculino entre doze e dezoito anos de idade, sentenciados ao cumprimento de medida sócio-educativa de privação de liberdade. Refletimos sobre o funcionamento de uma máquina de guerra, e sobre o modo como os “bandos nômades”, traçam linhas de fuga em seu interior, o modo como esquadrinham o espaço institucional e tecem a resistência.

**Palavras-chave:** Poder, tática, inversão.

**Summary:** This article counts the history of a battle stopped in the current days. It is a writing that points with respect to the tactics of weakest and the strategies of strongest. This battle occurs in the Center Partner-Educative Pomeri, closing institution, where they are deposited - well in the distance of the looks of the good men -, adolescents of the masculine sex between twelve and eighteen years of age, sentenced to the fulfillment of partner-educative measure of freedom privation. We reflect on the functioning of a war machine, and on the way as the “nomadic bands”, trace lines of escape in its interior, the way as they investigate the institutional space and they weave the resistance.

**Keywords:** Power, tatics, inversion.

A trama da história que será aqui encenada parte de um estudo sobre o mundo social dos adolescentes em conflito com a lei,<sup>1</sup> confinados no Centro Sócio-Educativo Pomeri

\* Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), apriscilaxavier@gmail.com.

<sup>1</sup> O E.C.A., publicado no Diário Oficial da União de 16/07/1990 Seção 1, promulgado através da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, em seu artigo 1º considera como *adolescente aquela pessoa entre 12 e dezoito anos de idade*, e no artigo 104º a lei determina que são penalmente ininputáveis os menores de dezoito anos; porém como o Estatuto ainda no artigo 103º considera ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção

(C.S.E.), única instituição total do estado de Mato Grosso, responsável pelo acolhimento e confinamento de adolescentes do sexo masculino entre doze e dezoito anos de idade, sentenciados ao cumprimento de medida sócio-educativa de privação de liberdade.

Tatuagens, piercings, bonés, “roupas pela ordem”<sup>2</sup>, inversão de objetos, funk, rap, teatro, vocabulário próprio... são pistas, indícios que encontramos ao investigarmos práticas culturais, estratégias e artimanhas construídas por esses adolescentes no interior de uma máquina de guerra<sup>3</sup>.

Estes sinais encontrados favorecerem a construção de uma escrita sobre a história de uma guerra, de uma *espécie de guerra silenciosa, nas instituições e nas desigualdades econômicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos* (FOUCAULT, 1979:176), e da percepção das linhas de fuga traçadas pelos confinados para escapar ao peso da tecnologia do poder existente e exercida nesta maquinaria, no Pomeri.

É uma guerra atual, próxima, passada entre 2004 e 2006, e que ainda não teve desfecho. Ela acontece ao nosso lado, em nosso tempo, mas escapa aos olhos, pois a visão do centro da luta é invisibilizada por um bem guardado muro.

### **O Palco – A Arquitetura de uma Máquina**

J., segundo sua própria definição, era um jovem de 16 anos em maio de 2004, quando foi transferido juntamente com 59 adolescentes para o presídio Pascoal Ramos, localizado no bairro jardim Industriário em Cuiabá.. Lá foi colocado no módulo de aço, também chamado de “container”, onde passou a viver como animal enjaulado, um quase macaco, pois, para receber a ração diária, pendurava-se com uma das mãos à grade do teto; isto obviamente após escalar as paredes, mesmo sem ter o poder do Aranha. Com a outra mão segurava a cumbuca que lhe era entregue pelos agentes, cinco vezes ao dia. Café-da-manhã, almoço, lanche da tarde, jantar e ceia. Segundo J., não comia tão bem em casa, ainda que o

---

*penal, o adolescente que comete atos infracionais é denominado adolescente infrator ou em conflito com a lei.* Neste trabalho utilizaremos estas denominações definidas pelo Estatuto.

<sup>2</sup> Expressão empregada pelos adolescentes internos no Centro Sócio-educativo Pomeri para indicar roupas “transadas”, “estilosas”, “maneiras”, legais.

<sup>3</sup> Conceito desenvolvido por Gilles Deleuze em Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra. In: *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 11, que remete não somente a uma idéia, mas a uma imagem, uma construção.

gosto do salitre colocado pelas cozinheiras tornasse a comida frequentemente repugnante. Mas preferia, sem dúvida, estar livre e faminto, ou ter apenas o arroz e o feijão que muitas vezes sequer alimentava as seis bocas que viviam em sua casa, do que estar na gaiola em que se encontrava preso com os demais adolescentes, separados apenas por um corredor dos presos considerados “de maior”. Preso desde muito jovem, mais precisamente por volta dos doze anos, quando de seu primeiro contato com as drogas, viu e viveu coisas que muito adulto nem em seus piores pesadelos ousaria sonhar. O ódio e a revolta que acumulara nesses anos, frutos da miséria, da violência policial e do confinamento, chegaram a um ponto que certo dia, indignado com uma revista feita na cela - onde seu colchão, as fotos de sua mãe, os “jumbos” recebidos de sua família, foram rasgados e jogados no piso alagado da cela pelos P.M.s – não suportou e cometeu um homicídio. Tudo por causa de um certo C. W., vulgo Polaco, segundo J. um safado<sup>4</sup>, que também havia sido transferido para o raio três. Assim que J. o avistou, armou-se de chuço e lança e partiu em sua direção. Não baixou o olhar, e, inclemente aos pedidos de piedade ouvidos pelo corredor do longo e sinistro raio, desferiu-lhe um primeiro golpe na altura da garganta, levando a vítima ao chão. Em seguida, sem pestanejar, furou por completo o alvo corpo, e Polaco que não resistiu aos ferimentos morreu do mesmo modo que anos antes, no mesmo presídio, morrera seu pai.

O adolescente J., que gostava de ler livros de história que trouxessem na capa, em letras garrafais, as palavras Ensino Médio, para que todos soubessem o quanto era “sabido”, não foi responsabilizado pela morte de Polaco, pois 58 adolescentes prontamente assumiram a culpa pelo ocorrido. É bem verdade que depois J. ter desferido os golpes os demais adolescentes arrancaram as grades da janela da cela, avançaram em direção a Polaco e a cravaram diversas vezes em seu corpo. Após a construção de duas novas alas – no mesmo

---

<sup>4</sup> Conforme consta no glossário, a palavra safado tem na linguagem dos presidiários o significado de esturpador, e é neste sentido que será utilizado em todo texto.

ano- foi transferido - assim como os demais - para o Pomeri, onde cumpriu um ano e meio de detenção e, foi solto. Atualmente é mais um presidiário do Carumbé.

\*\*\*

Apresentamos a história de J. para apontar para uma máquina de guerra, *a máquina isolante da prisão, para essa máquina quase muda e cega* e para um modelo arquitetônico pensado e construído para ser um dispositivo disciplinar (DELEUZE, 2005:44).

É – *o container* - uma construção de concreto, quadrangular, de aproximadamente 40 X 40m, com chapas de aço colocadas entre as paredes duplas, o mesmo se dando com o piso. No teto, ao invés de vigas, caibros, ripas de madeira, telhas de cerâmica ou de amianto, havia uma grade, sobre a qual fora soldado um caminho, uma passarela de aço, em formato de cruz, para que de lá se enxergasse todos os cantos da construção, pela qual passavam os agentes policiais, de quando em quando para conter algum tumulto e os agentes prisionais, responsáveis não só pela vigilância constante, mas também pelo atendimento dos detentos naquilo que há de mais corriqueiro na vida da cadeia, ou seja, o servir as refeições, a água e os medicamentos.

A construção [denominada de Container ou Módulo de Aço] compõe o cenário do complexo penitenciário do Pascoal Ramos e ergue-se entre o muro que cerca os raio e o que isola todo presídio. Há, nos quatro cantos do muro-mor, quatro guaritas guardadas praticamente vinte e quatro horas por dia por policiais militares.

O alto muro erguido em torno do presídio, porém, assim como a Muralha da China, não consegue isolar os nômades, que já se disseminaram e já se misturaram física, cultural e violentamente entre os “civilizados”.

O primeiro contato visual com o *container* choca. Impossível a mente não se transportar para o cenário de “O Planeta dos Macacos”. Qualquer zoológico se propõe ser mais humano. A jaula, com celas cortadas por um corredor, divide os presos “de maior”<sup>5</sup>, alojados no lado esquerdo, e os “de menor”<sup>6</sup> do lado direito. Em um espaço maior, e contíguo ao módulo de aço, fica a área reservada ao banho de sol. Há ainda uma cela maior com um comprido banco de cimento, emendado a uma das paredes, que serve de refeitório.

---

<sup>5</sup> São assim denominados tanto no vocabulário das prisões, quanto popularmente os presos adultos, acima de 18 anos de idade.

<sup>6</sup> O E.C.A. substituiu a expressão menor delinqüente por adolescente infrator, porém assim como o termo “de maior”, a expressão “de menor” sobrevive, tanto no vocabulário popular quanto no das prisões.

Sobre a grade de ferro que é o próprio teto, acha-se fixado, sobre vigas de aproximadamente três metros de altura, um telhado de zinco que parece não ter muita utilidade, pois quando a chuva vem acompanhada de vento é inevitável que a água penetre nas celas. Tampouco protege do frio. Mas o que é certo é que, o calor típico de Cuiabá aquece o telhado de zinco, de modo tal que parece sempre haver fumaça subindo de uma chapa bem aquecida.

Ao visualizarmos esta construção, temos a impressão de que ela é um labirinto de quadrados. Parece que estamos dentro de cubos que estão em outros cubos, numa junção interminável, como se cada anexo, acrescido com o passar do tempo, formasse a figura de um átomo em movimento estonteante, enjoativo, elíptico.

A forma da máquina de guerra é dada não somente pelo concreto amassado por mãos de serventes, mãos metalúrgicas, mas também por aqueles que convivem cotidianamente neste espaço. São também os sons: vozes, choros, improperios; as imagens: rostos, olhares que se esforçam para enxergar além das grades que também dão forma ao Pomeri. Não só paredes, grades, ferrolhos e arames compõem e dão visibilidade a instituição. Concreto e ferragens lhe dão forma juntamente com os sentimentos e as pessoas que o habitam... *é a lógica passional dando vida, ontem e sempre, ao corpo social. Esta lógica, tal como uma centralidade subterrânea, se difrata numa multiplicidade de efeitos, que informam a vida cotidiana...*<sup>7</sup> (MAFFESOLI, 1985:15).

Este é um dos campos de batalha, onde guerreiros nômades, desterritorializados, elaboram trajetos, linhas de fuga, que devem assim que devem ser abandonadas, esquecidas, assim que forem percorridas, visto que são traçadas à partir da artimanha de homens ordinários, que conta para o sucesso de sua ação, com o elemento surpresa, com a construção de barricadas dentro do território inimigo, que enfrenta a estratégia da máquina com a astúcia do mais fraco.

Apesar dos rituais de mortificação do eu<sup>8</sup> impostos pelas instituições totais e que visa anular a personalidade do indivíduo e substituí-la por uma institucional dócil, manipulável, domesticada e de todo aparato de vigilância posto em funcionamento não somente para impedir fugas, mas para fazer com que o espaço panóptico seja utilizado para o fim programado por seus idealizadores, pelo Estado, este espaço é constantemente

---

<sup>7</sup> MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 15.

<sup>8</sup> Goffman identifica como elementos que compõem o ritual de mortificação do eu, a obtenção de uma história de vida, tirar fotografia, pesar, tirar impressões digitais, atribuir números, procurar e enumerar bens pessoais para que sejam guardados, despir, dar banho, desinfetar, cortar os cabelos, distribuir roupas da instituição, dar instruções quanto a regras, designar uma local para o internado.

reinventado. O uso desse espaço de *tratamento* que possui através de sua capacidade tecnológica a função de distribuir, classificar, analisar e individualizar a é modificado pelas *maneiras de fazer* dos indivíduos que o ocupam e que *sem sair do lugar onde têm que viver e que lhe impõe uma lei, eles aí instauram pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos.* (CERTEAU, 1985:93).

Sem dúvida a obstinação em escapar ao *Olho* implica em criar um novo uso do espaço. *Essas operações de emprego – ou melhor, de reemprego -... se multiplicam... com os deslocamentos que substituem maneiras ou “métodos” de transitar pela identificação com o lugar.* (MAFFESOLI, 1985:15).

O exercício de esgueirar o olhar por entre as grades, de enxergar por cima dos ombros dos agentes, ou através de pequenos pedaços de espelhos milagrosamente encontrados durante as revistas empreendidas pela P.M., ou de tampas de registro de água e de sanitários que também ganham novos usos e se transformam em espelho, compõe as táticas dos adolescentes internos no Pomeri que esquadrinham o espaço do confinamento e enxergam reentrâncias, becos, possibilidades de esconderijos, pequenas aberturas, na maior parte das vezes escurecidas ao olhar do vigia, já que esse não se esgueira na sombra com a mesma agilidade do *fraco*<sup>9</sup>, que possui como possibilidade de enfrentamento a articulação de táticas, definidas por Certeau como:

*...a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distancia, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo... e no espaço por ele controlado ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia* (CERTEAU, 1994: 100-101).

<sup>9</sup> A palavra “fraco” é aqui utilizada em relação à tática que segundo Michel de Certeau é a *arte do fraco*. Certeau faz ainda uma distinção entre tática e estratégia e parece-nos importante indicá-la já que neste trabalho estaremos lidando com o que chamaremos aqui de “fortes” – as instituições totais, o Estado... -. *Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças... toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é o lugar do poder e do querer próprios.* In: *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 99.

A astúcia em fazer novo uso do espaço requer um reconhecimento do lugar, uma cartografia de seus declives, dos postos de guarda, do número de vigias, das celas onde estão confinados os “mais velhos” da cadeia, os líderes ou os mais temidos, aqueles que prestam serviço na cozinha ou que estão próximo da enfermaria, em locais chave. Deste modo percorrer o espaço do confinamento é atitude vital e sempre perseguida. Para tanto os adolescentes do Pomeri, encenam situações que permitam que este trajeto seja minuciosamente devassado e que cada pequeno lugar seja descoberto e sua localização decorada, incluindo tamanhos, composição – cimento, tijolo, aço... -.

Traçando “*trajetórias indeterminadas*”, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído... e pré-fabricado onde se movimentam... num lugar ordenado pelas técnicas organizadoras de sistemas (CERTEAU, 1994: 97), os internos se movimentam, traçam atalhos, trilhas até então encobertas.

De fato é compreensível que os bandos – os adolescentes internos – ocupem a máquina de guerra e descubram seus flancos, visto que *são grupos do tipo rizoma, por oposição ao tipo arborescente que se concentra em órgãos de poder. É por isso que os bandos em geral, mesmo de bandidagem, ou de mundanidade, são metamorfoses de uma máquina de guerra...* (DELEUZE, 1997:21). Compostos da mesma matéria, o bando vasculha o interior da máquina de guerra como guerreiros que avançam sobre o campo de batalha onde cotidianamente travam suas guerras. O campo é um espaço conhecido, familiar.

Nas instituições totais as técnicas de punição, o aparelho disciplinar precisa ser continuamente aperfeiçoado, incrementado, pois são constantemente afrontadas e invertidas, e ainda porque segundo Deleuze,

*Não cabe dizer... que a disciplina é o próprio da máquina de guerra: a disciplina torna-se característica obrigatória dos exércitos quando o Estado se apodera deles; mas a máquina de guerra responde a outras guerras, das quais não dizemos, por certo, que são melhores, porém que animam uma indisciplina fundamental do guerreiro, um questionamento da hierarquia, uma chantagem perpétua do abandono e traição, um sentido de honra muito suscetível* (CERTEAU, 1994: 21).

Desse modo, recorrendo a táticas, artimanhas e astúcias os jovens guerreiros do Pomeri enfrentam cada disciplina imposta com uma disposição renovada para insurgirem-se e subverterem a ordem. Esses *mecanismos locais de bandos, margens, minorias... continuam a afirmar os direitos de sociedades segmentarias contra os órgãos de poder do Estado* (DELEUZE, 1997:23).

A máquina de guerra e os bandos nômades coexistem num *campo perpétuo de interação* (CERTEAU, 1994: 24), porém a trajetória traçada pelos bandos no interior da máquina por vezes escapa ao olhar vigilante que diligente tenta controlá-la.

Para percorrer esse trajeto, transpor os obstáculos impostos pela tecnologia disciplinar e pelas estratégias diretivas, desenvolve-se uma ciência nômade, uma ciência de aproveitamento e uso dos espaços, forjada na posse do mínimo, na escassez, mas que eficiente insiste em burlar as determinações do mais *forte*. As conquistas deste saber dito marginal são pequenas, dependem das maneiras de usar “peças” da própria maquinaria isolante, de contar com o elemento surpresa a seu favor, das falhas abertas na vigilância. *Trata-se de combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das “ações” que o fraco pode empreender* (CERTEAU, 1994:97).

As infrações cometidas pelos adolescentes, numa leitura totalmente diversa da lei e da norma podem ser entendidas entre outras coisas como uma tática de defesa contra o abuso de seu corpo já que têm a certeza de que a morte o aguarda, assim como as fugas, rebeliões, xingamentos, o atirar de fezes e urina. Para Deleuze *as formas de resistência denotam também a posição que o sujeito ocupa numa determinada sociedade* (DELEUZE, 2005:101-102). Assim também ocorre na “comunidade residencial” Pomeri.

O adolescente A.P.M., em um momento que pensava empreender fuga, mesmo com a P.M. vigiando a instituição com um contingente considerável, argumentava que:

*... Se eles atirarem em mim não dá nada não! Quem vai chorar por mim? Não tem ninguém prá chorar não! Até Deus se esqueceu de mim aqui! Vô dizer pró cê, tô pilhado! Tô na revolta! Eu vô tentá ganhá a rua, se morrer é melhor que ficá nesse inferno. Cadeia maldita! Aqui é lugar que filho chora e mãe num vê! Desgraça!<sup>10</sup>*

As relações com os tipos particulares de governo e de controle demonstram a não propriedade do poder por apenas um dos grupos que encenam a trama passada entre os muros da prisão. Os momentos de tensão maior sempre colocam em questão a promiscuidade do poder, que não se fixa nem se apega às hierarquias construídas pelos agrupamentos, nem respeita as relações de força, mas atende, como diz Deleuze, *as estratégias, táticas, artimanhas...* (DELEUZE, 2005: 35).

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida por A.P.M. à P.X. enquanto estava confinado no quarto 01 da triagem. Cuiabá, junho de 2005.

Em Deleuze e Guattari, pensamos vislumbrar as rebeliões como *mecanismos locais de bandos, margens, minorias, que continuam a afirmar os direitos de sociedades segmentarias contra os órgãos de poder de Estado*; rebeliões que expressam a exasperação daqueles sobre quem a disciplina, o controle, o direito penal e a ação violenta sobre os corpos, enfim, o poder, é exercido. Maria Lúcia Karan sugere que:

*... a idéia de pena, de afastamento do convívio social, de punição baseia-se no maniqueísmo simplista, que divide as pessoas entre boas e más fazendo com que o papel do criminoso seja também o papel do mal, do outro, do anormal, distinto das demais pessoas, pertencente a uma espécie à parte. (KARAN, 1993: 178).*

Esta espécie à parte - os adolescentes infratores - se insurge, ainda que de maneira precária, e em situação desigual de força, contra a opressão imposta pela vigilância, pelo controle e pela disciplina.

A máquina de guerra, com toda força que possui, continua a avançar sobre o campo de batalha, triturando corpos, esquadrinhando espaços, distribuindo sujeitos, utilizando o olhar panóptico para localizá-los e puni-los, porém nesse movimento bandos de guerreiros em andrajos, lançam-se sobre seu poder e antropofagicamente a devoram dispostos que estão a matar e a morrer.

## **Bibliografia**

- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.5. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. A Vida dos Homens Infames. In: *Estratégias, poder-saber*. 7.
- \_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos*, vol.5. Forense-Universitária, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Eu Pierre Rivière que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão... um caso de parricídio do século XIX*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1985